

A redescoberta da casa

Os meses de confinamento permitiram que milhares de pessoas passassem a vivenciar suas moradias de outras formas e transformá-las em lar

por
Maria Isabel Miqueletto



Ana Carina Zilles mora em um apartamento na cidade de São Paulo há um ano e meio, mas foi só nos últimos quatro meses que descobriu como o sol entra, quais móveis funcionam ou não – e até começou a usar sua sacada para além de secar roupas. Isso porque a rotina antes do isolamento social era corrida: passava praticamente metade do mês fora. Gerente de parcerias comerciais de uma seguradora, Ana percebeu uma transformação em sua relação com a casa a partir do momento em que teve tempo para observá-la.

"Antes era só um lugar de passagem. A quarentena me fez pensar nas coisas, perceber minhas necessidades. Hoje, meu conceito de casa está muito mais afetivo. É se apropriar do espaço que antes eu só dormia, para realmente curtir a casa", afirma. Desde que passou a fazer trabalho remoto, Ana redescobriu sua sacada: fez uma horta de temperos no espaço e a transformou em local de contato com a natureza. "Antes saía cedo e voltava tarde – e nunca tinha percebido esses detalhes. Agora, é onde eu sento para ver a lua, olhar a vista, tomar sol. Me coloca em contato com a natureza, o que é essencial", descreve.

A experiência de Ana é comum a milhares de pessoas ao redor do planeta, que precisaram frear a rotina agitada – e quase sempre externa – para se isolar em casa. Para muitos, é a primeira vez em que realmente foi necessário pensar sobre as funcionalidades da moradia. "Para sobreviver na quarentena, é preciso transformar a casa em um lar. A casa tinha uma função operacional, para comer e dormir. A partir do momento em que preciso ficar no lugar, preciso conviver com aquele lugar. A palavra 'lar' vem de 'lareira', de onde tem fogo e as pessoas sentam para conversar e trocar experiências", defende Andressa Gulin, médica e diretora de estratégia e



inovação da incorporadora AG7.

Curiosa para entender como as pessoas estão vivenciando esse período ímpar, Camila da Rocha Thiesen decidiu fazer uma pesquisa. Escolheu o Instagram como ferramenta e o formato de relatos para receber as histórias. Foi assim que nasceu o @habitarquarentena, projeto digital que reúne as experiências de centenas de brasileiros que estão isolados em suas casas. "Nesse momento está todo mundo tentando associar esse período tão inédito com suas ocupações. Como levar todas as atividades feitas na rua para a casa? Como estaria acontecendo tudo isso em uma casa de família? Em que os filhos estão estudando em casa, passeio com cachorro, terapia em casa, exercício físico, horário comercial...", questiona a arquiteta e urbanista.

A partir daí, foram dezenas de posts e *insights* de todas as partes do país sobre o morar. Ao analisar tudo que recebeu, Thiesen conta que a palavra de ordem foi "ressignificar". O autoconhecimento dita as mudanças. "As pessoas estão conhecendo mais suas rotinas e a si mesmas, e isso vai ajudar mais os arquitetos. O cliente não conseguia traduzir o que queria, eu tinha que tentar sair da pergunta óbvia para conhecer ele melhor. Acho que agora as pessoas estão mais certas do que precisam e buscam em casa", afirma. "O projeto vai deixar de ser uma imposição do arquiteto e as pessoas vão ter mais

O empreendimento AGE 360, da holding AG7, tem como base conceitos relacionados ao bem-estar e será um dos prédios mais altos do Brasil.

"Para sobreviver na quarentena, é preciso transformar a casa em um lar" – Andressa Gulin

"As pessoas vão perceber que uma boa arquitetura não é luxo, é uma questão de bem-estar"

– Camila Thiesen

poder de discussão, de entender o funcionamento da casa", explica.

A criação do lar

Uma das definições de casa é lar. Mas nem sempre a habitação ocupa esse espaço emocional. Com a quarentena, isso mudou para muitas pessoas – e promete ser uma tendência que vai durar. "Já que a pessoa vai ficar mais tempo em casa, precisa ter o lar como seu refúgio. É o lugar em que você tem que se sentir bem", reforça a arquiteta Alessandra Gandolfi.

Mas Gulin frisa que a pandemia não criou nenhuma tendência, apenas as deixou mais nítidas. É o caso do bem-estar atrelado à arquitetura. "A pandemia obriga as pessoas a se adaptarem a esses movimentos que já estavam acontecendo no mundo. E perceber que o ambiente onde você vive – quem mora junto, os lugares que frequenta – tem um impacto muito grande no seu corpo, bio, psico e social, e na forma como você vive. Saúde não é uma coisa individual", justifica.

O AGE 360, um dos novos empreendimentos da AG7, foi criado com a premissa de que é necessário ter um equilíbrio diário de saúde física, mental, espiritual, educacional, ocupacional, financeira e ambiental – o que, muitas vezes, era deixado apenas para as férias. "São esses pequenos momentos de bem-estar dentro do espaço onde você mora. No mundo em que vivemos, precisamos de momentos no dia a dia para exercer nossa função como

ser humano", diz Andressa. "De repente, começo a entender que em espaços mal iluminados, que não têm conexão com a natureza, sem vista, não consigo me concentrar nem dormir, gera ansiedade. Preciso de lugares onde consigo organizar meu pensamento", sentencia.

O empreendimento será o primeiro *wellness building* do Brasil e um dos primeiros no mundo a ter a certificação Fitwel, desenvolvida por especialistas em saúde e design do governo norte-americano. Nasce alavancado por um mercado em plena ascensão: o do *wellness*. A indústria do bem-estar global é avaliada em mais de US\$ 4 trilhões, de acordo com dados do Global Wellness Economy Monitor. Para desenhar o AGE, uma equipe multidisciplinar de consultores foi reunida para entender esses movimentos. "A questão da natureza é muito forte. Ele [o prédio] trabalha com muita iluminação natural, muitas janelas, conforto acústico e térmico, várias áreas para atividades físicas. Fizemos uma sala de meditação no vigésimo primeiro andar – para que a pessoa olhe para o horizonte e, assim, consiga relaxar", conta Andressa.

O "home-tudo" também chega para solucionar muitos problemas vividos na quarentena. O AGE, usando esse modelo, dispõe de um andar de conveniência, com salas para ensino domiciliar, massagens, atendimento médico e criatividade, biblioteca e um quarto de hotel. Tudo com uma entrada específica para os prestadores de serviço, sem interferir a privacidade dos moradores. "O 'novo normal' do morar é cuidar da casa como refúgio e, associado a isso, uma nova forma de atendimento de serviços, que é fazer cada vez mais coisas dentro de casa. A gente trouxe a facilidade do serviço em casa, sem perder a privacidade do lar."

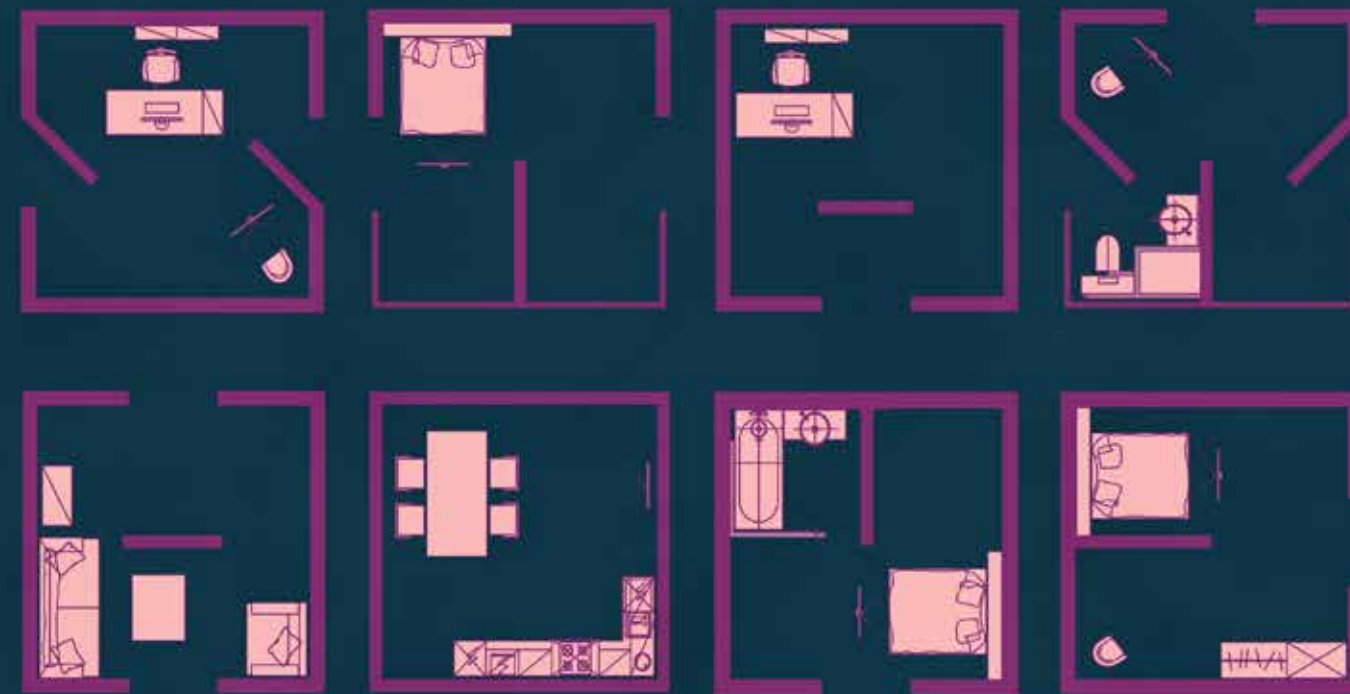
Essas carências são sentidas nas pesquisas por imóveis. De acordo com levantamento do Imovelweb, houve um aumento de 96% nas buscas por imóveis com quintal em comparação com o mesmo período de 2019. Apartamentos com varanda cresceram 128%. "Antes tinha-se a ideia de que só uma pessoa com poder aquisitivo alto podia se importar com a casa, mas estão se dando conta de que morar bem é uma questão de qualidade de vida. Elas [as pessoas] vão perceber que uma boa arquitetura não é luxo, é uma questão de bem-estar", enfatiza Camila.

Os impactos no desenho da casa

Assim que passou a ficar tempo integral em casa, Ana Carine Zilles precisou realocar os móveis de acordo com as novas urgências. "Nunca tinha pensado na minha vida. Em apartamento compacto, tu abre a porta e cai direto em um cômodo. Não tem um lugar de 'descontaminação'. Hoje, as construções não têm mais *hall* de entrada. Coloquei uma banqueta para sentar e tirar o sapato e um borrifador de água sanitária – tive que criar esse ambiente para separar lá fora de dentro da casa", conta.

Essa é apenas uma das novas percepções e necessidades desse novo morar. Qualquer previsão ou expectativa a respeito das moradias nos próximos anos passa pela experiência nesses meses de confinamento. "Não sabemos quanto tempo vai durar ou se outras pandemias vão acontecer, se vamos viver em picos de isolamento e liberação... O que ficar de resultado disso como novo hábito vai refletir na arquitetura", observa Camila.

De imediato, Nicolau Nasser, arquiteto e diretor financeiro da Associação Brasileira de Designers de Interiores, percebe algumas mu-



danças podem ser definitivas, como o *home office*. "É algo muito prático e acredito que a tendência vai se espalhar. Imagino que o número de funcionários [nesse regime] vai aumentar, pois facilita e faz com que ele ganhe tempo para fazer o trabalho", opina. O *hall* de entrada passa a ter um papel transformador. "No Japão, eles já têm um armário para colocar os sapatos antes de entrar em casa. Você chega da rua, tira seus sapatos e parte da roupa para poder entrar", observa.

Em um texto da revista estadunidense *The New Yorker*, a professora norte-americana Beatriz Colomin, da Universidade de Princeton, frisa que o medo de doenças – em especial a tuberculose – ajudou a modelar a arquitetura moderna. Para ela, muito nesse estilo arquitetônico pode ser entendido como uma tentativa de erradicar quartos escuros e cantos que poderiam acumular bactérias.

Há uma possibilidade de a Covid-19 também incentivar um novo estilo de arquitetura? Para Camila, ainda é preciso esperar os próximos meses. "Tudo vai depender de quan-

do vamos encontrar uma solução para isso [coronavírus]. Se acabar amanhã e liquidar esse assunto, acredito que não seja uma mudança radical. Mas se formos reviver isso ou [essa pandemia] se prolongar, acho que as pessoas vão ter tempo de realmente mudar", analisa.

Essas novas demandas podem passar por diversos ambientes da casa. "Vínhamos com uma tipologia muito recorrente na arquitetura contemporânea, em apartamentos que eram, praticamente, um estúdio. Acho que hoje teremos que prever uma compartimentação, [colocar] um lavabo na entrada, [repensar] a estrutura da lavanderia", observa Camila.

"Assim como nós precisamos nos adaptar a esse momento, nossa casa também precisa. Essa adaptabilidade vai ser uma tendência", finaliza. ■

Especialistas acreditam que a planta da casa deve ser afetada pelas mudanças trazidas pelo coronavírus. Na ilustração, há o desenho de "stay home" ("fique em casa", em português).

"As pessoas estão conhecendo mais suas rotinas e a si mesmas, e isso vai ajudar mais os arquitetos" – Camila Thiesen